

Galeria Fortes Vilaça

Rua Fradique Coutinho 1500 | 05416-001 São Paulo Brasil

T +55 11 3032 7066 | F +55 11 3097 0384

www.fortesvilaca.com.br | galeria@fortesvilaca.com.br

Tempo e monumentalidade

Em filosofia costuma-se normalmente dizer que o tempo é uma condição subjetiva da experiência. Esta é uma forma mais precisa de afirmar que não haveria tempo das coisas, apenas tempo dos sujeitos que observam as coisas. Pois o tempo não seria outra coisa que o nome que damos a uma forma de organização do campo da experiência através de princípios de sucessão e simultaneidade. Por não ser um dado imanente das coisas, por não estar colado às coisas com sua respiração interna, esta forma do tempo seria, à sua maneira, imóvel, desprovida de história. Ou seja, o tempo seria desprovido de tempo, o campo no interior do qual observamos a mudança nunca mudaria. Pois se as coisas mudam no tempo, se podemos observar processos em mutação, é porque a forma do tempo é estática. Ela precisaria continuar sempre idêntica para que mudanças de estados, movimentos e velocidades pudessem se fazer sentir.

Mas é verdade que tão velha quanto esta concepção é a tentativa de mostrar sua limitação. Há uma certa paixão arraigada no ser humano que consiste em procurar apreender estes momentos nos quais o tempo das coisas parece pulsar à nossa frente. Esta paixão pelo impacto bruto da presença das coisas e pela sua força de quebrar nossos esquemas triviais de temporalidade, um impacto que poderia tratar a forma do tempo como se ela fosse uma matéria plástica, sempre podendo ser remodelada, é algo que certamente não é estranho à consistência do trabalho fotográfico de Mauro Restiffe.

No entanto, é certo que Restiffe escolheu o caminho mais contra-intuitivo para tal escuta do tempo das coisas. Ele já estava claramente presente em trabalhos anteriores a este *Rússia* que agora chega ao público. Lembremos, por exemplo, desta sua hoje clássica série de registros da posse de Lula, em 2002. Diante do desafio de apreender a dinâmica temporal de um acontecimento histórico, Restiffe escolhe a monumentalidade. Por isto, suas fotos serão a expressão de uma desproporção, ou se quisermos, de uma inadequação. Trata-se da desproporção entre a escala humana e a monumentalidade do espaço, tão claramente presente, por exemplo, em *Empossamento #2*. Há algo de sublime nesta desproporção, nesta apresentação de uma perspectiva que nenhuma perspectiva daqueles presentes no interior do próprio espaço poderia apreender. Pois o acontecimento é sempre a quebra de todas as perspectivas diante da afirmação de algo que parece atualizar o que é desmesurado demais para entrar em uma perspectiva, desmesurado demais para ser a mera confirmação de uma condição subjetiva. Neste sentido, a monumentalidade é a primeira expressão do que parecer atravessar nossa capacidade de apreensão.

Mas notemos há algo a mais na monumentalidade das fotos de Restiffe. Pois elas parecem indicar uma experiência do tempo que quebra a dinâmica das nossas condições subjetivas, um tempo que não se organiza mais na linearidade sucessiva do passado, presente e futuro. Não é por acaso que estas fotos expressem tão bem algo próprio à Brasília. Diante da monumentalidade de Brasília, com seu modernismo que parece apontar para um futuro que teria ficado fora do tempo, sem condições para se realizar, com seus espaços vazios que parecem mimetizar os acontecimentos silenciosos do cerrado, o tempo dos sujeitos não pode mais ter lugar. Diante de

uma modernidade que nunca de fato se realizou, os sujeitos descobrem as latências de um estranho passado que nunca foi presente, de um tempo fora do tempo.

Neste sentido, talvez não haja exemplo mais bem sucedido do que *Empossamento #8*. Se há algo que acompanha o Brasil e sua imagem de si mesmo é a crença de que seríamos assombrados por uma realidade desfibrada, à qual falta “ordem”, por isto sempre caminhando tendencialmente em direção ao informe, à desconstituição de toda forma. Como se houvesse um princípio geral de corrupção das formas e das estruturas em solo pátrio. Talvez isto explique porque o “desejo de geometria” sempre foi um impulso tão forte na arte brasileira contemporânea. A geometria e suas formas é algo que só existe no interior do desejo de instauração, de reconstruir o espaço a partir de seu grau zero. Esta redução da presença do poder à afirmação do império da geometria, como vemos em *Empossamento #8* como sua série de Ministérios em uma linha de fuga irresistível, não deixa de ressoar um desejo fundador da modernidade brasileira em sua esconjuração do solo informe da pátria.

No entanto, e de maneira inesperada, não há na obra em questão de Restiffe tom afirmativo algum. O que se explica pelo fato de não estarmos no registro das representações do movimento de instauração de uma nova espacialidade, mas no registro de uma pesquisa sobre a plasticidade do tempo. Voltemos nossos olhos à série sobre a Rússia a fim de compreender melhor tal problema.

Há sua ironia em encontrar esta mesma estrutura do tempo em Moscou e em outros lugares da Rússia, entre a capital do Brasil, com seus sonhos de reinstauração a partir do espaço vazio, e em Moscou, com sua mistura de continuidade e descontinuidade, de desejo de permanência e desejo de revolução. Por isto, longe de uma mera documentação do espaço, este trabalho de Restiffe insere-se em um questionamento sobre a monumentalidade como estratégia de escuta do tempo.

Há de se imaginar o que levou Restiffe à Rússia nos anos noventa e no primeiro quarto do século XXI. Afinal, que lugar no mundo fica tão evidente este estranho tempo das coisas sem tempo? Seus grandes edifícios, seus conjuntos habitacionais que parecem, mais do que em qualquer outro lugar, máquinas impessoais para morar, seus monumentos ao progresso e ao desenvolvimento que enfim teria tirado a Rússia do tempo estático de seu passado agrário a fim de abrir espaço ao advento do “homem novo” prometido pelo comunismo: tudo isto para hoje como fantasmas, como espectros dotados de materialidade e presença. Eles lembram a desproporção aberta por estes tempos carregados de desejo de ruptura e de reinstauração. Mas não deixam de exalar também uma singular nostalgia do não vivido, do que nunca de fato se realizou.

Emblemática neste sentido são obras como *Monument*, que retrata a base de um conhecido monumento soviético em homenagem à conquista do espaço. A exaltação ao futuro representado pelo imaginário da corrida por colocar, pela primeira vez, um homem em órbita, aparece aqui pela metade. Um monumento cortado, sem sua resolução. Apenas a presença bruta do que volta à sua condição inicial de forma geométrica que parece mimetizar um movimento em direção ao céu. Está lá a grandeza da crença de que enfim este outro “país do futuro” que é a Rússia havia chegado em uma posição insuperável. Uma crença encarnada em um monumento feito de material frágil, placas de metal agora velhas que lembra algo de não vivido.

Este tempo do que nunca foi de fato vivido, mas que se construiu a partir de imagens ideais não deixa de colonizar um outro espaço que aparece com menos frequência nas fotos de Restiffe, a saber, o espaço da intimidade. Há de se perceber como a experiência da monumentalidade própria ao espaço público parece, de forma muito singular, fornecer as coordenadas para a maneira com que Restiffe entra no espaço privado. Seus espaços privados parecem ser constituídos com imagens de imagens. Não se trata do desdobrar destes gestos singulares e fugidios que esperamos encontrar quando voltamos nossos olhos para a intimidade, mas da

atualização destas imagens ideais que parecem indicar como também aqui nós encontramos o tempo do que parece nunca passar porque nunca foi completamente presente. Um tempo sem coordenada definida, sem sucessão e simultaneidade.

Um tempo bruto, como este que aparece em *Russia (Mirror in Bed)* com sua encenação arquetípica de luz, penumbra e recolhimento na intimidade do quarto, ou ainda *Russia (Window)*, com sua apreensão a partir do olhar interior de que encontra-se em sua casa. Apreensão não do inusitado ou do efêmero, mas do trivial e do continuamente repetido: pessoas paradas diante de um carro, sem nenhuma potencialidade de acontecimento. Este tempo não é o tempo da surpresa que esperamos sempre ao ver representações da intimidade. Este é o tempo dos interiores que estão em um tempo suspenso e congelado, tão próprio dos monumentos.

Desta forma, Restiffe justifica sua escolha em apresentar um lugar que conheceu todas as formas de aceleração, de suspensão, de paralisia e desconstituição que a história recente produziu. Pois nenhum lugar melhor do que a Rússia e suas contradições para expor esta pulsação inquieta do tempo das coisas que parecem não saber mais qual é exatamente seu lugar natural, seu circuito próprio. Neste sentido, a Rússia talvez seja o ponto mais extremo dos múltiplos tempos da história. Coube a Restiffe traduzi-lo em séries de imagens de peculiar expressividade. Com suas fotos, não estamos diante de testemunhos, relatos na primeira pessoa ou documentos. Estamos diante de uma reflexão elaborada sobre a plasticidade do tempo a partir de um dos espaços que mais conheceu mudanças na história recente.

Vladimir Safatle

Texto criado para a exposição *Rússia* de Mauro Restiffe. Galeria Fortes Vilaça, 2016.